

**35º Encontro Anual da Anpocs;**

**GT 01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.**

**Título do Trabalho: A roupa nova do rei. O uso do computador nas classes populares.**

**Nome do autor: Lucia Mury Scalco**

## **A roupa nova do rei<sup>1</sup>... O uso do computador nas classes populares.**

A internet pode ser considerada a marca registrada da vida contemporânea por acarretar importantes alterações no âmbito da cultura moderna em quase todas as atividades como lazer, consumo, comércio, socialização. Vários são os teóricos que estudam o tema das transformações tecnológicas na modernidade e são entusiastas das possibilidades cognitivas da internet: Bauman, (2001), Ortiz (1994), Castells (2005), Lévy (1999). Esses autores fazem uma leitura acerca da internet e de suas potencialidades como algo revolucionário, tanto pelas suas inovações quanto pelas implicações sociais e políticas. Já outros especialistas apontam para a tendência da internet transformar-se em um novo serviço essencial; o antropólogo Hermano Vianna (2007), compara a Internet com a caneta bic (no sentido de ser uma ferramenta básica para se fazer qualquer coisa) enquanto Barbosa (2005) argumenta que a internet fará parte da vida das pessoas, e logo passará a ser tratada como “qualquer facilidade do lar, como o gás de cozinha, a água das torneiras ou a energia elétrica” (IDEM, p.25).

O atual governo do Brasil - no seu projeto de desenvolvimento para a redução da desigualdade social no país – corrobora essa visão e elegeu a inclusão digital e a expansão da banda larga como uma das prioridades de sua gestão. A idéia é que a popularização da internet e o acesso mais democrático à informação seja um instrumento para proporcionar uma maior igualdade de oportunidades auxiliando na superação da exclusão e da pobreza<sup>2</sup>. A política pública em relação à universalização da informática está avançando e os dados estatísticos<sup>3</sup> sobre o setor confirmam o aumento de novos

---

<sup>1</sup> A partir do estudo etnográfico desenvolvido, apresentaremos uma analogia com o conhecido conto de fadas do dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado em 1937. Recordando resumidamente o conto, trata-se de uma história sobre um Rei muito vaidoso que é enganado por dois tecelões vigaristas, os quais, apresentando-se como alfaiates "criaram" uma roupa confeccionada com um tecido "mágico" (na verdade invisível). Tal pano somente poderia ser visto por quem fosse inteligente. Evidentemente, todos diziam ver a roupa, inclusive o Rei, porque não queriam passar por ignorantes. No dia do desfile, no entanto, uma criança se aproxima e grita: "O REI ESTÁ NU". E todos se dão conta de que a criança estava certa. O rei estava definitivamente nu. (Bandeira, 1996)

<sup>2</sup> “A inclusão digital é um dos caminhos para atingir a inclusão social. Por meio dela, as camadas mais carentes da população podem se beneficiar com novas ferramentas para obter e disseminar conhecimento, além de ter acesso ao lazer, à cultura e melhores oportunidades no mercado de trabalho. Programa de inclusão digital” - 10/01/2010 - Portal Brasil. Fonte: <http://www.brasil.gov.br>. Acesso: 01/09/2011

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/acesso-a-bibliotecas-publicas-na-rede/programas-de-inclusao-digital> Acesso: 01/08/2011

usuários, principalmente nas classes populares. Tal fato vem sendo apontado como responsável pelo bom desempenho do setor<sup>4</sup> tornando o mercado brasileiro de equipamentos de informática o quinto do mundo.

Na abordagem antropológica que sigo aqui, é preciso contextualizar os direitos considerados universais, estudando, dentro de contexto específico, as apropriações e significados socialmente construídos. Portanto, o presente artigo, em sua versão preliminar, tensiona através da etnografia o discurso vigente sobre a importância e preponderância das questões da informática na vida cotidiana das famílias de classe popular, problematizando o uso do computador em suas residências e o impacto dessa tecnologia na vida dessas famílias. Interessa-nos pesquisar como esses usuários usam, interpretam e operam os *novos saberes* associados ao computador em suas práticas cotidianas. Obviamente não pretendemos inventariar todas as modalidades existentes de inclusão digital, mas refletir a partir de exemplos empíricos, relacionando o acesso à internet a um possível instrumento de desenvolvimento e crescimento econômico.

A pesquisa etnográfica ampliou as possibilidades interpretativas, uma vez que pudemos acompanhar o que esses sujeitos experienciam ao desejar, comprar e usar a tecnologia. O trabalho de campo mostrou que tais atores, moradores desses bairros periféricos, lançam mão da tecnologia informática para uma variedade de usos. São extremamente atuantes no seu cotidiano e acham soluções criativas para suas muitas demandas.

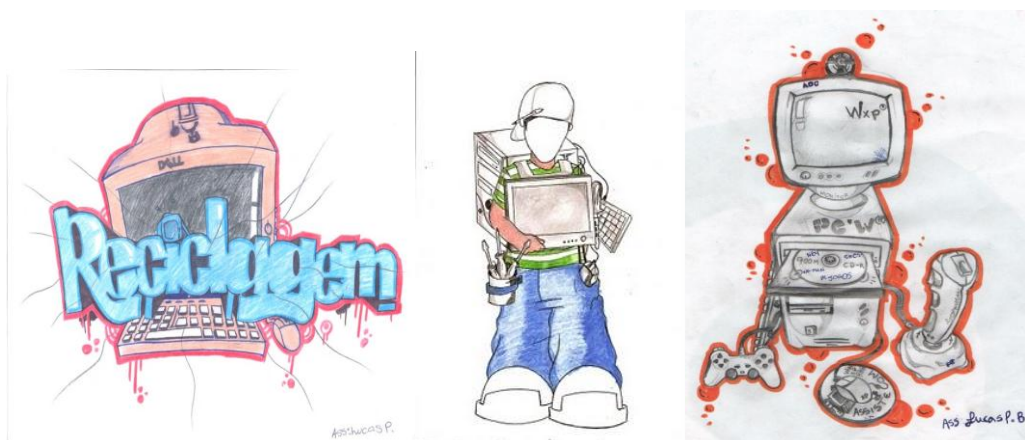
A etnografia também ajuda a desmistificar o “incluído”, almejado por políticas públicas, enquanto categoria homogênea. Problematiza a visão uniforme, linear e recorrente do binômio: incluído/excluído digital, onde o principal parâmetro resume-se na divisão entre os que têm a posse ou não do computador, ou mais recentemente entre os que acessam a internet ou não. Esses dados - importantes para os estudos estatísticos – simplificam a complexidade do processo de inclusão digital e mostram-se insuficientes para o entendimento da dinâmica social envolvida na questão, pois como aponta o estudo de Sorj&Guedes (2005 s/p.): *deve-se considerar não somente o número de usuários e não-usuários, mas também a intensidade do uso, tanto na qualidade do acesso (baixa e alta velocidade) como no tempo efetivamente disponível.*

---

<sup>4</sup> BRASIL ocupa quinta posição no mercado mundial de PCs, diz IDC. Disponível em: <[http://idgnow.uol.com.br/computacao\\_pessoal/2008/02/19/brasil-ocupa-quinta-posicao-no-mercado-mundial-de-pcs-diz-idc/](http://idgnow.uol.com.br/computacao_pessoal/2008/02/19/brasil-ocupa-quinta-posicao-no-mercado-mundial-de-pcs-diz-idc/)>.

**A gente pode ser bem pobre, mas quanto à tecnologia, “Ta tudo dominado!”.**

Início agora a descrição da família Rosa que faz uso particular da tecnologia, nos permitindo problematizar o tema da inclusão digital/social. Conheci primeiramente o jovem Mateus, (17 anos) grafitando a creche comunitária da Vila Cachorro Sentado. Os desenhos eram altamente elaborados, com um estilo que vi repetido em seu blog e reproduzo alguns vinculados ao tema, a seguir.



Mateus, quando soube que pesquisava o uso do computador nas residências, foi enfático:

*dona, lá em casa, todo mundo mexe no computador. Até meus irmãos menores. Meu pai é o DJ Saíva e crescemos no meio de fios, microfone, mesa de som, ouvindo e fazendo hip hop. Ajudamos o pai quando ele coloca som nas festas, sabemos fazer de tudo (Na mesma hora interessei-me em conhecer a família e o Mateus meio constrangido alertou-me:) Ta tudo dominado! Mas olha, a gente é bem pobre. Não repara, ta?*

No mesmo dia subimos o morro. A casa da família localiza-se em uma viela onde não passa carro. A descida é bem íngreme e de chão batido. No entorno, alguns jovens que trabalham para o tráfico - observando o movimento, avisando da movimentação da polícia e de concorrentes, e/ou entregando e negociando drogas – que aqui no Sul são conhecidos como *campana* ou *olheiro*, compõem o cenário bem conhecido e divulgado pela mídia. A residência fica em uma baixada. Já na descida, é possível ver a antena em

cima do barraco de madeira, e no pátio, objetos de informática, monitores velhos, carcaças de computador, acrescentando um elemento singular à paisagem local.

A família Rosa estava com “visita”, e por esse motivo, durante aquela semana a pequena casa comportava muito mais do que o núcleo familiar -- o pai, Clóvis (41 anos), a mãe, Sônia (40) e 6 filhos (idades entre 19 e 7). A filha mais velha, Fernanda (20 anos) tinha mudado de volta de Cachoeira do Sul para Porto Alegre com o marido Beto (36), dois enteados, (dois meninos de 11 e 5 anos) e a filha do casal, uma bebê de 4 meses. Todos os membros da família são claros, loiros e de olhos verdes. Os pais não possuem emprego assalariado, vivem de “bicos” e estão incluídos no programa Bolsa Família. Já o marido da Fernanda está *encostado no INSS* e recebe um salário-mínimo. No dia de minha primeira visita, Clovis e Beto tinham ido para o município vizinho para ajudar a carregar o caminhão de mantimentos doados para sua comunidade pelo programa federal Fome Zero. Já que chovia e fazia muito frio, todas as crianças permaneceram dentro de casa. Mesmo na ausência do pai e do cunhado, a família mal cabia dentro da pequena sala,

Conversei um pouco com a mãe e a filha mais velha. Falamos sobre o tempo, sobre crianças, a dificuldade de lavar e secar a roupa na umidade, sobre o nenê e introduzi o assunto da internet. A mãe disse: *eu nunca mexo, não tenho tempo pra essas coisas*. Já Fernanda disse gostar muito de computador, tem e-mail, Orkut, etc., mas rindo concordou com a mãe e concluiu; *também não sobra tempo pra mim, principalmente agora* falou olhando para a filha que estava amamentando. Elas estavam nervosas porque o gás tinha terminado e precisavam, portanto, aquecer a comida com uma espiriteira a álcool<sup>5</sup>. Resolvi voltar um outro dia.

Mateus divide seu tempo entre o colégio (cursa o 1º ano do ensino médio no turno da manhã) o trabalho esporádico que consegue com o grafite (além de muros e paredes agora pinta camisetas) e a internet. Confessa ser um *viciado* no Orkut e está *sempre* no

---

<sup>5</sup> Um parênteses ético/metodológico. Naquela hora surgiu uma pergunta óbvia: qual é a importância da informática diante de tantas carências? Acesso ao computador... Para fazer o quê? Para chegar onde? Partindo da realidade nacional, e dialogando com Sérgio Amadeu Silveira, vemos que o autor também questionou-se, no seu livro Exclusão Digital - a miséria da informação, se a tecnologia da informação pode combater a pobreza ou, dito de outra forma, se o acesso à tecnologia *abre portas* para os pobres. *Qual o sentido de se falar em exclusão digital? Não seria uma mera decorrência da exclusão social? (...)* (Silveira, 2001, p.5). Para o autor é um passo indispensável, mas pequeno.

MSN. Nos comunicamos quase diariamente via redes sociais – e agendamos um novo encontro para falar com os *homens da casa*.

Na minha segunda visita, cheguei na hora combinada e Clóvis e Beto (respectivamente o pai e o cunhado do Mateus) estavam me aguardando, bem formais apesar de sua aparente curiosidade. Queriam saber exatamente onde e em quê eu poderia ajudá-los. O pai inclusive, em tom de brincadeira, lançou uma dúvida; *sabe que a senhora parece uma delegada de polícia... tantas perguntas, quem sabe não está fazendo alguma investigação?* Repeti os objetivos da pesquisa e passamos a discutir o acesso à internet. Pedi permissão para gravar nossa conversa, mostrei o gravador, o que foi aceito.

Clovis explicou que ele possui uma antena *omni* direcional e consegue acessar várias redes Wi-fi<sup>6</sup>. Checa a velocidade da conexão através do site <http://www.updata.com.br/minhavelocidade/> - e escolhe a rede que estiver com melhor velocidade. Clóvis explica que na maioria dos dias funciona tudo muito bem, mas tem dias que o vento e a chuva atrapalham e é preciso “acertar” o sinal da antena, ou o sinal “some” e é preciso procurar novas redes. Enfim, descobrimos que a família possui 2 computadores (reciclados, mexidos, mas funcionando bem, com uma razoável configuração técnica e memória) e que possui acesso à internet com certa qualidade e regularidade (cerca de 1 Mbps de velocidade) além dos computadores possuírem diversos programas e softwares. Clovis e Beto mostraram uma grande familiaridade com esse equipamento que parecem operar com destreza e sabedoria. A facilidade que têm com as

---

<sup>6</sup> A disseminação de Wi-Fi é uma realidade mundial e globalizada, basta ligar um computador nas cidades como Paris, Londres, Tóquio, Nova York, etc que certamente encontra-se conexão com a internet. O Brasil já conta com diversos lugares que possibilitam sinal livre como em hotéis, aeroportos e restaurantes e comércio. Na orla do Rio de Janeiro, por exemplo, aberta para qualquer cidadão - sem necessidade de cadastro, registro ou apresentação de qualquer documento - já é possível acessar a internet livre e gratuitamente sem ser considerado um criminoso. (Ver maiores detalhes em [www.orladigital.coppe.ufrj.br](http://www.orladigital.coppe.ufrj.br)) Há, porem muita polêmica - sob o ponto de vista jurídico - sobre a legalidade ou não desta prática (acesso a internet ou mesmo da TV, via alguma rede privada.) Para alguns advogados e juristas não é crime receber e decodificar um sinal eletromagnético proveniente do espaço sideral . Pois só é crime se houver previsão legal. (Art. 4º da Lei de Introdução ao Código Civil – Decreto-Lei nº 4657 de 1942: “Quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os princípios gerais do direito.” Outro argumento favorável a prática é que o espaço aéreo é livre e o sinal entra na casa e o sujeito não pode ser criminalizado pelo uso, uma vez que é responsabilidade do proprietário da rede criar senhas e bloquear o acesso. Somente no caso de quebra de senha (detalhe, os hacker conseguem quebrar senhas em menos de 2 segundo), estaria configurado um crime. Já outros profissionais e empresas com interesses econômicos no setor entendem que o acesso a redes Wi-Fi desprotegidas pode ser encarada como um furto, e aplicar, nessa situação, o art. 155 do Código Penal que diz que subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel é crime. Argumentam que se o sujeito sabe que a conexão que esta utilizando não lhe pertence e ele não tem a permissão do dono para usá-la e utiliza mesmo assim, trata-se de dolo do agente pois apropriou-se de algo, com valor econômico, que não lhe pertencia. Fontes: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/042007/18042007-16.shl>

tecnologias foi sublinhada por Clovis quando eu estava pronta a ir embora. Com um sorriso revelou; *também gravei a nossa conversa*. E, então, ouvi a minha voz no seu computador, em um programa da Sony, (*Sond Forge 10*) que edita o som, muito superior ao meu pequeno gravador. *Se te ajuda eu te mando por e-mail...*

Uma primeira leitura dessa cena nos leva à desconstrução acerca do discurso hegemônico sobre os benefícios da tecnologia, como se as iniciativas relacionadas ao computador melhorassem automaticamente as condições de a vida, se mostrando uma importante ferramenta para o fim da pobreza, da marginalização e exclusão. Quando me deparei naquela pequena sala, e com aquelas pessoas vivendo em condições estreitas (diziam, que até a poucos dias, estavam *passando fome*), pensei, *o Rei está nu*. A tecnologia não é uma solução mágica à falta de recursos. Porém, à medida que o trabalho de campo avançou, fui descobrindo novas ferramentas analíticas para a compreensão da lógica desses sujeitos que, conforme a Sônia (mãe) são *loucos, só querem saber de comprar computador, fios, antenas e cabos. Isso não mata a fome de ninguém!*

### **Novas parcerias e sonhos. O computador vai dar dinheiro!**

Beto (genro de Clóvis) tem 36 anos, é branco, gordo, estatura mediana, cabelos castanhos, expansivo, bom orador e pai de 5 filhos<sup>7</sup>. Possui o segundo grau incompleto, mas ainda pretende estudar: *quero fazer faculdade também, sonho em ser assistente social*. É funcionário *encostado*<sup>8</sup> da Prefeitura de Cachoeira do Sul, porém resolveu reformular a sua vida e decidiu trabalhar em Porto Alegre, junto com o sogro em um *novo negócio relacionado à informática*. Tem muita esperança e confiança de finalmente prosperar. Já conseguiu inclusive um trabalho relacionado à *metareciclagem*.<sup>9</sup> Está

---

<sup>7</sup> Bem dentro da tradição local de circulação de crianças em camadas populares pesquisada por Fonseca (2002), Beto conta que dois filhos são *emprestados* (*eu os criei desde pequeninho*; uma filha de 20 anos já casada, e um filho de 11 anos temporariamente vivendo com a sua mãe). Os outros vivem com ele. pois esta com a guarda de dois filhos, suas mães estão em situação de risco social (*estão vivendo na rua*).

<sup>8</sup> Sua licença saúde expira-se em setembro. Revelou-me que dificilmente conseguiria renová-la

<sup>9</sup> A MetaReciclagem proporciona um novo tipo de saber, pois oferece aos jovens a possibilidade de conhecer o funcionamento dos microcomputadores e a função de seus componentes, desmistificando a tecnologia a partir da apreensão da lógica existente nos *hardwares* (memória, HD, processador, etc.). Tal prática permite “desconstruir física e conceitualmente a máquina, apropriando-se dela e ressignificando-a, levando a construção de conhecimento dentro daquilo que se pode ser chamado de *artesanato tecnológico e bricolagem eletrônica*” (Tavares, 2007, p.15) .

*oficinando* numa escola municipal, bem perto da casa da família aos sábados.

Fui lá conhecer o programa denominado Escola Aberta, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Unesco e o Ministério da Educação. A escola, aos sábados fica aberta para a comunidade o dia inteiro, e todos podem participar de atividades esportivas e das oficinas de inclusão digital e metareciclagem. O laboratório da escola possui cerca de 10 computadores. Na tarde que os visitei tinha um grupo que estava jogando e outro grupo, cerca de uns 5 jovens, estava procurando solucionar um problema na placa de um dos jovens. Beto contou que é grande a demanda por consertos e que assim, eles levam o problema para a aula. *Assim, ajudamos e aprendemos*. Beto foi direto: *Não consegue uns computadores velhos da universidade para nós? Avisa lá que estamos precisando de tudo...*

Lembrou que as suas primeiras experiências nesse ramo ocorreram na sua cidade natal, através da *febre da digitação que substituiu as velhas máquinas de datilografias*. Fez as contas e viu que já conhece computador há cerca de 20 anos, mas que somente há 1 ano conseguiu comprar um, que teve que vender para dar de entrada no terreno ao lado da casa do sogro. *Consegui só 500 reais. Não foi um bom negocio, mas não tive escolha*. Beto se queixa que a tecnologia é inacessível ao pobre! *Toda a pessoa de classe baixa, da camada social mais sofrida passa sempre por essa frustração, de conhecer a tecnologia, saber que tem, mas não poder ter acesso porque tudo é muito caro e inacessível ao pobre*.

### **A reconstrução da vida via a (re) inserção no mundo digital!**

Entretanto, apesar das queixas, Beto enfatiza o papel central que a tecnologia digital teve na sua vida, até nos momentos mais sombrios. Beto conta que possui um longo histórico com o uso de *substâncias psicoativas*, que deixaram sequelas na sua saúde física e emocional... *perdi muito, foram páginas em branco na minha vida*. Foi por muitos anos, além de usuário, também traficante de drogas. Acabou na rua, na mendicância por quase um ano. *Fui para o fundo do poço e por incrível que pareça a reconstrução da minha vida se deu a partir da minha inserção ou (re) inserção no mundo*



*digital*. Em 2002 ele conheceu um grupo de apoio - CAPS<sup>10</sup> de Novo Hamburgo - que lhe disponibilizou um tratamento multidisciplinar com médicos, psiquiatras, assistente social e uma psicóloga. Esses profissionais conseguiram resgatar muitas coisas que nas suas palavras *estavam perdidas na minha vida. Uma dela é a criação de um e-mail e a possibilidade de eu me comunicar com pessoas que estavam passando pela mesma coisa que eu*. Pertence também a irmandade dos alcoólatras anônimos (AA) e revela que a internet possibilitou uma nova vida, uma nova sociabilidade, pois agora tem muitos contatos, companheiros da irmandade da qual faz parte e dos diversos programas e ações que participa. São inúmeros os eventos, todos ligados à saúde mental. Beto inclusive já viajou para a Argentina e muitos lugares dentro do país para encontros motivacionais. No ano passado ministrou 12 palestras, inclusive na Universidade Luterana (ULBRA), sempre contando a sua trajetória de superação. Está há 4 anos e meio em abstinência total e diz que sabe que o resto da sua vida terá que lutar para não recair.

Em uma outra oportunidade em que conversamos, ele preparou o que chamou de uma pequena “surpresa” para mim. Me disponibilizou um CD, com todo o seu material de trabalho, as apresentações que ele utiliza nas suas palestras. *Minha vida esta a nesse CD, todo o meu trabalho*. São inúmeras montagens em *power point*, com música e com mensagens motivacionais e algumas bem religiosas. Mostrou-me algumas com muita emoção. Disse que normalmente as pessoas choram ao ouvi-las.

Finalizando a sua fala, ele conta que era usuário de informática, porém não entendia nada da tecnologia em si. E que sua vida mudou depois que reencontrou o Clóvis, seu amigo de infância. Apaixonou-se pela sua filha e há cerca de um ano está completamente envolvido com a informática e a metareciclagem. *Foi o Clóvis e seu filho mais velho, Alexandre (19 anos) que me formaram. Devo tudo a eles. Me ensinaram a especular por dentro o computador. Generosamente me passaram todo o conhecimento que eles adquiriram de anos de experiência... Passei muita dificuldade, minha família sempre viveu no submundo, do crime, mas eu sobrevivi. Tudo isso eu devo à informática. Minha história se constrói a partir disso*.

---

<sup>10</sup> Centros de Atenção Psicossocial no Rio Grande do Sul - criados para ressocialização de usuários do sistema de saúde mental - em hospitais públicos e hospitais conveniados ao SUS.

## Dj Saúva e o Hip Hop

Clóvis é baixo, tímido, fala pouco e lhe faltam alguns dentes. Isso o incomoda muito. *Não posso rir que aparece e fica muito feio. Me envelheceu, tenho vergonha.* É natural de Cachoeira do Sul e veio tentar a vida na capital com a mulher e 3 filhos. No início moraram com parentes, mas depois, com muito trabalho, conseguiu adquirir o terreno, construir a casa e comprar os equipamentos e aparelhagens. *Não tem fim, tem sempre novidade, está sempre faltando alguma coisa, ne?* Como Beto também acredita no novo negócio - conserto e manutenção de computadores - mas logo completa. *Não só computador. Gostaria de abrir uma loja e colocar no letreiro: Conserta-se tudo, porque eu sei fazer um pouco de tudo... Sou eletricista, pintor e pedreiro... Mas a minha paixão maior é a música. Se é para sonhar, então sonho com um studio. Até já tivemos um, o Porão. É uma longa história, dá um filme... bah, tenho muitas outras pra lhe contar.*

*Tudo começou há muitos anos, quando conheci a cultura hip hop<sup>11</sup>, no final dos anos 90. Uma coisa leva a outra, a música eletrônica precisa de computador, então, eu, que já era eletricista, fui me interessando.*

Clóvis - que adota o nome artístico de Saúva - conta que é autodidata e que foi pioneiro na sua comunidade como DJ<sup>12</sup>. Obviamente esse artigo não pretende detalhar tal complexa e múltipla prática cultural, porém gostaríamos de destacar a intersecção existente entre a informática, a música eletrônica e o papel do DJ/produtor musical. É aí

---

<sup>11</sup> Em tradução literal, a expressão de língua inglesa "hip hop", significa pular e mexer os quadris e surgiu na década de 1960 para designar as festas de rua, em Nova York. (...) O rap tem uma batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso, muita informação e pouca melodia. Geralmente as letras falam das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades. O hip hop se constituiu de quatro elementos: o break (a dança de passos robóticos, realizada em equipe, sincronizados), o grafite (a pintura, normalmente feita com spray, aplicada nos muros da cidade), o DJ (o disc-jóquei) e o rapper (ou MC, mestre de cerimônias, aquele que canta ou declama as letras sobre as bases eletrônicas) Alguns integrantes do movimento consideram também um quinto elemento, a conscientização. O movimento hip hop brasileiro já tem cerca de vinte anos, mas sua trajetória ainda não foi contada de forma consistente e sistematizada. A história dessa manifestação cultural que compreende música, dança, poesia, artes plásticas e mobilização social apenas começa a ser organizada em relatos e estudos que comportam diversas áreas do conhecimento. Zeni (2004). Possui forte conotação política, como mostram suas fortes letras de protesto (Herschmann, 2003)

<sup>12</sup> DJ – (Disc Jocke) é o responsável pela música nos bailes, festas, rádios e também nos grupos de rap. O Saúva atualmente está trabalhando mais como produtor, gravando e mixando no computador canções. Disse que nem é preciso investir muito, pois hoje existem diversos *softwares* (disponibilizados na internet) capazes de simular na tela de um computador inúmeros recursos (simulam batidas, timbres e compassos) comparáveis aos melhores equipamentos. Citou alguns: Virtual DJ, Traktor, Deckadance, MixVibes, BPM Studio.

que o Clóvis se insere, pois ele tem uma longa caminhada na comunidade, revelando talentos, produzindo músicas, *dando voz a essa gurizada*, sonorizando festas e eventos. *Posso dizer que sou - através da música e da informática - um líder comunitário.*

Anunciou que tinha feito parte do Projeto da Instituição Leonardo Murialdo denominado Morro da Cruz para a Vida<sup>13</sup> por mais de 1 ano. e tinha sido muito importante trabalhar como Educador Social. Mesmo não ministrando oficinas - sua função era mais técnica, sempre foi aquele cara que *faz tudo, que sabia ligar os equipamentos, conectar, plugar os fios* - aprendeu o que chamou a *linguagem do social*.

Uma das suas ações preferidas era a Conexão de Rua. Festa para comunidade, itinerante, cada vez em uma rua e que envolvia toda a vizinhança. Ele e os companheiros avisavam os moradores com certa antecedência e no final de semana planejado, *baixavam* com toda a tecnologia. Palco, microfones, caixas de som, computador, etc. A ação começava cedo; com apresentação de grupos musicais, de danças, de teatro, com brincadeiras para os jovens e crianças, com sorteios e concursos. À tardinha, quando o sol se punha, vinha o que mais a comunidade gostava; o cinema ao ar livre. Mas essa parte era iniciativa dos educadores do projeto. *O padre não queria, tinha medo que estragassem os equipamentos e também de hora extra. Fazíamos escondido, por nossa conta.* Clóvis me mostrou uma filmagem dessa ação. Nesse dia passaram o filme; *Os dois Filhos de Francisco*. Toda a vizinhança colaborou como podia; *com panelas, o fogão, a pipoca, o suco, cadeiras...* *Era uma coisa muito louca, que unia a comunidade, aquele cinema socializava a gente.* Contou que teve alguns eventos que reuniram mais de 300 pessoas.

Retomando o relato sobre a sua prática como DJ/Produtor, disse que como a *gurizada sabia que eu manjava, começaram a se chegar*. Contou que já produziu umas 40 músicas e que inclusive conheceu o *rapper* carioca MV Bill que o convidou para trabalhar no Rio de Janeiro. Não aceitou, *meu lugar é aqui*. Foram muitas as histórias narradas pelo Clóvis, no seu papel de Dj Saúva. Vou resumir toda a sua experiência em 3 relatos;

1) *Cristiano – 20 anos, negro, viciado em crack e com passagem pelo tráfico. É meu vizinho, o conheço desde pequeno. Um dia, começamos a conversar e ele me mostrou em um pedaço de papel uma poesia, quase um pedido de socorro, rimado. Na*

---

<sup>13</sup> Maiores detalhes ver: Fonte: <http://www.murialdopoasocial.org.br/pmcpv/> Acesso 15/08/2011

*hora pensei. Isso dá uma boa música. Preparei o equipamento e mandei ele cantar. Ele respondeu que não sabia cantar. Eu o incentivei, disse que não tinha problema, que tentasse. O resultado ficou muito bom. A música chama-s Dois caminhos. Eu até hoje me emociono quando escuto, porque sei que tudo que ele está dizendo é verdade, é real. Ele esta pedindo perdão para a vida... O legal foi quando ele ouviu a música pronta, mixada, com as batidas, chorou emocionado. Pena que ele anda sumido (acho que ta tendo uma recaída) seria bom tu o entrevistar. O rap deu um novo sentido à vida dele.*

2) Depois de uma certa insistência, mostrou uma música de sua autoria, que inclusive ganhou um concurso da Igreja Universal. Contou que frequentou por um tempo. *Lá, por incrível que pareça, eles dão espaço para o Hip Hop* e há cerca de três anos, representando a Igreja do Morro, concorreu com outros 40 grupos e ganhou. A cerimônia parecia o Oscar e ganhei um arca cheia de dinheiro (não eu, mas a nossa igreja aqui). Mas fiquei feliz por ganhar. *Era tipo um Rap Gospel, que falava basicamente sobre as drogas.*<sup>14</sup> Perguntei ao Clóvis por que não estava mais frequentando a Igreja Universal e ele disse; *sai porque vi que ali não está o que eu procuro. Não encontrei a espiritualidade que acredito.*

3) Também deu destaque a um grupo que *ajudou a formar* - Os proletários – A vocalista do grupo, *canta com uma voz de americana*. Todas as músicas são bem politizadas. Saúva contou que recentemente através do MTD – Movimento dos Trabalhadores Desempregados, movimento que participam através da Associação dos Moradores, participaram e sonorizaram uma passeata com a CUT e que as músicas desse CD obtiveram grande sucesso. *Foi só o que tocou!* Todos os músicos são camelôs, inclusive gravaram uma música sobre a dificuldade da sua profissão, com entrevistas e gravações ao vivo sobre as dificuldades, sobre a ação da policia e dos fiscais, etc. A primeira versão do disco foi produzida pela Saúva, mas a finalização se deu em um estúdio, no centro. Aqui destaco rapidamente um fato interessante. Gostei da música e pedi para ele me gravar em um CD. Ele desculpou-se e um pouco constrangido disse que não gostaria de *piratear*<sup>15</sup> aquele CD, por que sabia do *esforço da gurizada para produzi-*

---

<sup>14</sup> Música: Guerreiro da Paz. / Refrão: A mim você não compra, pra mim não tem valor o seu ouro e a sua prata... Amor de Deus no coração. A esse amor eu me entrego. Jesus quer te ver feliz. Ele te chama pra ser mais um Guerreiro da paz, guerreiro da paz.

<sup>15</sup> Conforme pesquisa de Pinheiro Machado & Scalco (2011) a noção de autenticidade e de pirataria nas classes populares é bastante fluida e não necessariamente está atrelada a políticas de propriedade intelectual e/ou direitos autorias.

*lo. Custou mais de 2 mil reais! Te consigo por 10 reais! Mas se for só para divulgar o trabalho, daí não tem problema. Essa eu considero a pirataria boa.* Pedi para ele explicar melhor a sua posição em relação à prática da pirataria e ele classificou a pirataria em duas categorias;

A boa, que não prejudica ninguém (só esta divulgando o trabalho, levando sucesso para o autor) além de ser bem feita e não estragar o equipamento. Eu só aprovo essa. E a pirataria destrutiva, ruim, aquela que é feita a pau a pic, na rapidez e sem controle. A pessoa perde tempo, fica com qualidade ruim. É preciso saber fazer pirataria, com clama, cuidando, uma de cada vez. Por exemplo: fazer uma copia de um Xp original - uma copia só – é uma pirataria boa, porque ta copiando direto do original.

Começamos então a conversar sobre o mercado de software. Clovis relata que o que mais gosta atualmente é das ferramentas do Google. *O talk facilita a vida. Eu só falo com a gurizada assim.* Questionei-o sobre o movimento do software livre. Ele respondeu:

eu não curto software livre, por que não oferece as ferramentas essenciais que a gente procura, que a gente necessita. Mas por outro lado, eu normalmente não uso nada pirata. O meu Windows xp é original. Ainda é caro comprar, mais oferece tudo que se procura. O comprei porque pra instalar nos Pc's dos clientes, com original da mais credito pra gente que ta nesse ramo. Eu paguei na época R\$ 160,00 (Há 4 anos). E ai só fui atualizando pela Microsoft.

### **A tensão entre a Solidariedade/necessidade... se eu pudesse eu dava!**

O Beto pediu a palavra e falou que, na sua visão, o Clóvis é muito explorado pela comunidade; *todos o vampirizavam: vem aqui, sugam, aprendem e depois vão embora. Ele - agora nós - não ganhamos nada. Mas aos poucos ele esta me dando razão.* Clóvis então, relatou um episódio que o aborreceu muito e que o fez repensar a sua visão sobre o que ele chamou de *social*. A Associação ganhou alguns computadores de um Hospital da cidade, usados, a maioria com problemas, antigos, sem muita memória. Clóvis conseguiu arrumar vários, instalou programas, colocou jogos, enfim, deixava tudo funcionando e depois os doava. Cerca de 8 famílias foram beneficiadas. Mas admite que ficou com algumas peças para o seu uso pessoal *Vendi, troquei, pois preciso viver..* Soube que algumas pessoas da comunidade me chamaram de ladrão. *Achei um absurdo e agora vou*

*tentar ser bem profissional. Vou cobrar pelo que sei!*

Como no exemplo do seu conhecimento sobre o acesso gratuito a internet via redes Wi-Fi. Clóvis cantou que sempre disponibilizava as *manhas* para qualquer pessoa que se interessasse, mas que agora tudo isso vai ter preço. O Kit (com antena e cabos) está custando cerca de 300 reais. Mas lembrou que nem tudo dá certo. Certa ocasião vendeu uma antena para uma família, prometeu que teriam acesso gratuito a internet, porém devido à especificidade do local da casa (em uma baixada) o sinal não pegou. *Tentamos de tudo, mas não deu. Tivemos que devolver o dinheiro. Um sufoco, mas temos nome a zelar, tratamos bem os nossos clientes.*<sup>16</sup>

Beto se entusiasmou e completou: o nosso negócio será assim; a parte técnica, teórica é com o Clóvis. Eu fico mais com a parte da abordagem dos fregueses, de trazer serviço. Esse é o meu papel. Performativamente diz: *Bom dia, não tem alguma coisa para a gente arrumar? Hoje já consegui um servicinho... Controles remotos para vídeo-game. O que a gente não sabe, a gente aprende. Não tínhamos solda para fazer o serviço, então corremos atrás, procuramos, trocamos e agora até a solda a gente já tem. A coisa vai acontecendo... tem que se virar.*

Clóvis disse que nem sabe quantos computadores já teve (mais de 10, no mínimo). Funciona assim: empresto, alugo, troco, vendo o meu próprio computador, depois o (re)compro. Enfim, rolo, mas acaba dando certo. Na última vez que os visitei vi que haviam conseguido um novo monitor, da Dell LCD 24". Contaram que fizeram uma boa negociação e receberam como pagamento. Não entrou dinheiro, mas valeu a pena.

*Bom, essa é uma parte da minha história. Às vezes penso que eu precisaria pra ter mais moral era, talvez, ter um comprovante de um curso, que por ser caro, sempre fica pra depois. Então me sobra a prática. É no dia-a-dia que eu tenho que provar o que sei...*

---

<sup>16</sup> Em anexo um orçamento que o Beto imprimiu para um cliente.

## Conclusão – Vestindo o rei

Os resultados preliminares obtidos com a pesquisa etnográfica apontam que as categorias incluído/excluído são insuficientes para explicar o fenômeno da informatização que ocorre nas classes populares. De modo geral, percebemos que esses sujeitos são atuantes no seu cotidiano e que procuram e acham soluções criativas para as suas muitas demandas, como por exemplo, o acesso à tecnologia digital, mesmo não tendo garantida a qualidade de uma série de serviços considerados básicos (renda, moradia, saúde, etc).

Os nossos dados sugerem que existe no âmbito das famílias, das redes de vizinhança e na comunidade em geral, um sentimento de solidariedade (*quem sabe, instala, arruma, empresta e configura os computadores e programas para quem está iniciando e quem tem, vende barato, empresta os computadores, monitores, impressoras, programas, etc.*). Ou seja, as novas tecnologias fazem parte dessa rede mediada pelos laços de parentesco, proximidade e convivência. O computador não serve apenas a fins utilitaristas, sendo assimilado dentro de uma série de prioridades sociais, artísticas, e lúdicas. Porém, dialogando e tensionando o que denominamos de *rede de solidariedade digital* – também há razões práticas e econômicas que tornam o computador algo bem utilitarista e pragmático, que pode ser exemplificado através da fala do Beto; *eu quero ganhar dinheiro com o computador!*

Levantamos portanto, a hipótese, a partir dessas observações, sobre a existência de uma dinâmica complexa, em que sujeitos (produtores e consumidores) recorrem a caminhos formais e informais, acionando, conforme o contexto, táticas, redes e laços pessoais para o acesso ao mundo digital. E que a aquisição de um computador pode ser considerada uma estratégia para alcançar status distintivos (e por que não cidadania?), construindo assim novos sujeitos e, portanto, novos discursos dentro da sociedade de consumo.

## Referências Bibliográficas:

- BANDEIRA, Pedro *A nova roupa do rei* São Paulo, E. Moderna, 1996
- BARBOSA, Alexandre. *Cuidado, a internet está viva!*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A internet e Sociedade em rede*. In: *Por uma outra comunicação*. MORAES, Dênis (Org). Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- FONSECA, Claudia *Família, Fofoca e Honra*, Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2002
- \_\_\_\_\_. *Classe e a recusa etnográfica*. In: FONSECA, C.; BRITES, J. (orgs.), *Etnografias da Participação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2006
- HERSCHMANN, Micael, *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- ORTIZ, Renato. "Uma Cultura Internacional-Popular". In: *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
- VIANNA, Hermano, *O mundo funk carioca*, Rio de Janeiro: Zahar, 1988
- \_\_\_\_\_. *As pessoas estão aprendendo mais fora da escola*. Educação & Internet: Os prós e os contras da rede. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, sexta-feira, 27 de agosto de 2007, p.12-13.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu, *Exclusão digital – A miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001 .
- SCALCO, Lucia Mury e PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica*. Rev. Antropol. [online]. 2010, vol.53, n.1, pp. 321-359.
- SORJ, Bernardo e GUEDES, Luis Eduardo – *Internet na favela* – Disponível em: [http://www.bernardosorj.org/pdf/internet\\_na\\_favela.pdf](http://www.bernardosorj.org/pdf/internet_na_favela.pdf) (2005)
- TAVARES, Luis Eduardo, *Conhecimentos livres e novas dinâmicas políticas: o significado do coletivo metareciclagem*; Disponível em: [http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc\\_pc-luis.pdf](http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_pc-luis.pdf) Acesso 18/08/2011.



ZENI, Bruno. *O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 50, Apr. 2004. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 19/08/2011

## ANEXO

### Orçamento do Néon Pc

CPU Positivo Neopc F355 c/ Intel Celeron 450, 2GB de memória Ram, 160GB de HD Sata, Gravador de DVD Sata, Leitor de Cartões e Windows Vista ou XP (Cód. Item 22543) Barramento 800 MHz Tipo de memória DDR2 667 /533 /800 MHz.

### Avaliação do PC Neo PC

Dvd ok avaliado em r\$ 40

Memórias incompatíveis-sendo que tem uma 667mhz e outra PC 420 MHz.

O certo seria 2.0 GB de RAM: (533 / 667 / 800MHz) DDR 2 compatíveis

Processador ok: funcionando sendo que o original era Celeron D 450 e foi substituído pelo Celeron ® 266

Fonte Ok Obs.: potencia não convergente as necessidades do Pc pode ser substituída por uma mais potente

HD Sata de 160 Gbs problema de entrada obs.: se formatada e se aberta para reinstalação de XP pode ocasionar perda total dos arquivos

Placa Mãe perda total por mau funcionamento das peças substituídas.

Lataria: R\$ 50 na troca

DVD: R\$ 40 na troca

HD se funcionar R\$ 50 na troca

Obs.: o concerto total R\$120 entre troca da placa, instalação do XP, formatação do HD e colocação da placa de vídeo. Ok

Concerto do estabilizador R\$ 20. Devemos R\$ 10.

